

APRESENTAÇÃO

EM FINAIS DO SÉCULO XIX, a proeminente Escola de Helmholtz sustentava um “juramento solene” de que nenhuma força além das físico-químicas comuns seria ativa no organismo. Os casos que, naquele momento, não pudessem ser explicados por essas forças teriam de encontrar explicação sob a forma ou a maneira específica de sua ação, por meio do método físico-matemático, ou supor novas forças iguais em dignidade às físico-químicas inerentes à matéria, redutíveis à força de atração e de repulsão.

Esse curioso episódio revela o ambiente em que a invenção freudiana da psicanálise se torna possível. Os fundadores dessa Escola foram, além do próprio Hermann Helmholtz, Carl Ludwig, Emil Du Bois-Reymond e Ernst Brücke. Este, chefe do Laboratório de Fisiologia da Universidade de Viena, foi a pessoa a quem Freud esteve ligado durante grande parte de seus estudos no curso de medicina e já depois de formado. Estão dadas aí as bases do materialismo científico no qual Sigmund Freud foi formado e a cujos princípios ele se submeteu rigorosamente, até vir a ultrapassá-los.

Concebe então a pulsão como uma força cuja materialidade não era evidente, mas que, ao circular, fazia uma borda que contornava, dando-lhe forma e limite, o vazio que circunscrevia. Nos termos de uma importante metáfora de Jacques Lacan, o circuito pulsional passa a ser concebido como a moldagem de um pote que, ao circundar um vazio, dá lugar a ele como vazio, ao mesmo tempo que forja a sua matéria de pote.

Assim, criavam-se as condições para que, rompendo com o materialismo científico, a psicanálise mantivesse a referência à matéria que estava em seu cerne. Movimento cuja característica ainda mais marcante era a de mantê-la

afastada da tradição metafísica que a espreitava, uma vez que se voltava para questões que eram tradicionalmente de seu campo: o sujeito, a verdade, a morte.

Trata-se, pois, de um materialismo que não se resume ao empirismo idealista que substituíra o recurso ao espírito como base de explicação. É um materialismo que se apreende na própria operação psicanalítica e foi mais bem teorizado por Lacan, quando a aproximou do materialismo histórico de Karl Marx. Ao surpreender a determinação estrutural que constitui as formações sociais, submetidas que estão a um modo de produção específico, a concepção marxista mostra a articulação de que tais formações são o efeito. Seus elementos, seguindo uma ordem dada, ocupam seu lugar sempre por relação aos demais, sendo esvaziados de um atributo que os caracterizaria em si mesmos e revelando, em sua combinatória, a estrutura que sustentam. Daí desprende-se o próprio real que essa estrutura atualiza.

Lacan, ao reconhecer uma homologia entre o discurso de Marx e o discurso psicanalítico inaugurado por Freud, observa que, enquanto o primeiro cerne o modo de produção capitalista extraindo dele a mais-valia como seu produto necessário, o segundo concebe o excesso pulsional que o funda, gerando um mais-de-gozar. Com essa homologia, ressalta que se trata de uma mesma operação que dá lugar a esses discursos; uma operação na qual podemos localizar a materialidade que marca e caracteriza a psicanálise, e que passará tudo o que for da ordem do analítico.

É com a tarefa de manter e atualizar o corte que o “acontecimento Freud” fez incidir sobre o pensamento ocidental, que o questiona mesmo em seu valor de pensamento, confrontando-o com o impossível de se pensar, que os trabalhos de investigação dos docentes e colaboradores do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica se desenvolvem. Tomando vias diferentes, os artigos ora apresentados resultam de pesquisas nele realizadas. Por não se furtarem à responsabilidade de sustentar os efeitos da matéria inaugurada por Freud, recolhem e dão prova dos efeitos da psicanálise no laço social hoje.

Em consonância com o relevo que dá à ideia foucaultiana de que a história se constitui como a episteme da modernidade por excelência, determinando o horizonte de “veracidade” nos diferentes campos dos discursos, o trabalho de Joel Birman faz uma leitura da psicanálise como história, isto é, como um discurso em cujo cerne está a episteme da história. Ao situar igualmente a problemática do materialismo e da materialidade em termos históricos, remetidos à tradição filosófica ocidental, ele examina os efeitos dessas

concepções sobre a psicanálise. Em seguida, ressalta no contexto histórico do discurso freudiano três registros diferentes da materialidade: o traço mnêmico, a excitação e o fantasma, na conjunção dos quais os conceitos se desenvolvem e se articulam em inúmeras derivações. Entre estas, sobressaem-se as formações do inconsciente, a pulsão e a repetição, cuja materialidade se atua no conflito imperecível entre uma pulsão de vida e a pulsão de morte.

Também remetidas à história do pensamento moderno, Jô Gondar e Regina Herzog, em seu texto “Materialismo e realidade: de Freud a Ferenczi” mostram, valendo-se da concepção de realidade, como nesses dois analisistas ocorreu uma implosão das dicotomias que classicamente marcaram esse pensamento, dando a expressão do materialismo que perpassa a elaboração clínico-conceitual da psicanálise.

Em meu artigo “Dizer para fazer a verdade falar: a operação da análise”, encontro na articulação do Discurso do Analista as condições para pensar a materialidade da operação psicanalítica. Não se trata de uma operação simbólica em que o sujeito, ao discorrer sobre seu passado, redescreve o que ainda lembra, ou mesmo apenas constrói o que terá sido sua história. Se é possível dizer que das marcas que lhe restaram chegará à realidade do que terá sido seu percurso, sua tarefa não se resume a essa construção. Há uma conjunção do ato do analista com a tarefa do analisante, a partir da qual o sujeito se encontra com os significantes que o constituíram. Nesse mesmo ponto em que se reconhece como efeito do significante, ele tem a prova de sua materialidade, vale dizer, indo da história ao ato, o sujeito é aquele que emerge da sustentação do real com que se defronta.

Fernanda Costa-Moura e Francisco Leonel Fernandes analisam, em “A psicanálise existe? Considerações sobre o materialismo da psicanálise”, a homologia estabelecida por Lacan entre mais-valia e mais-de-gozar, para discernir o que seria o materialismo próprio da psicanálise. Entendem-no em sua dupla vertente, a qual diz respeito não apenas à incidência metodológica e conceitual da chamada “prática teórica” materialista sobre a psicanálise, mas sobretudo ao materialismo que constitui a psicanálise como uma prática discursiva, capaz de instituir o corte que culminaria na queda do objeto *a* em sua incidência de gozo.

Em seção dedicada às operações com a escrita e com a literatura, três artigos procuram examinar as incidências da materialidade da letra sobre o materialismo da psicanálise. Em “A materialidade da letra e o realismo da estrutura na psicanálise de orientação lacaniana”, Tania Coelho dos Santos vê as implicações de uma distinção entre fala e escrita para o realismo da psi-

canálise e para a concepção do sujeito que daí surge. Abordando a estrutura como uma escrita, enfatiza a dimensão do inconsciente como saber cifrado, do gozo como gozo da letra fora do sentido e do Outro do gozo, ponto em que também o sintoma é reconhecido em sua materialidade feita de palavra, ou ainda, no neologismo lacaniano, em sua *motérialité*. Todas, dimensões que aparecem por meio da escrita e servem à desontologização da psicanálise e à sua radical inscrição no campo da linguagem. Por sua vez, em “Da fala à escrita: notas sobre um percurso lacaniano”, Andréa Martello destaca, em relação à escrita, a prevalência do objeto que sustenta a fala e o sujeito do discurso. Vê assim no ensino de Lacan uma correspondência, de um lado, entre a passagem da referência à linguística saussureana para a lógica e, de outro, entre o percurso feito de um grande Outro ao pequeno outro que traz para a cena o objeto. Com base nisso, examina as consequências decorrentes de tais passagens para a concepção lacaniana dos discursos e para a concepção da psicanálise como um discurso sem fala.

A materialidade da letra é ainda o ponto de partida do artigo de Ana Costa, “Percurso lacanianos pela materialidade da letra na clínica e na literatura”, que aborda o ato, alinhando-o à escrita como memória e inscrição que, no entanto, toca o real. Ao recorrer à letra em sua relação com a produção de resto e com a necessidade de inscrição, o artigo examina questões que se apresentam tanto na clínica psicanalítica quanto na produção literária; no ato do analista, assim como no ato do escritor. Aí situa a delicada questão da transmissão articulada à inscrição da perda, examinando a obra de Samuel Beckett, na qual as questões acima destacadas estão exemplarmente em jogo.

Na terceira e última seção, a coletânea reúne artigos que tomam diversos aspectos resultantes da consideração da psicanálise em sua relação com o materialismo, seja reconhecendo o efeito real dessa relação, seja acentuando seus efeitos no registro puramente imaginário. Carlos Alberto Ribeiro Costa e Ana Beatriz Freire iniciam-na pelo texto “No debate com a criminologia, a materialidade da psicanálise”. Partindo do aforisma lacaniano “ao irrealizar o crime, [a psicanálise] não desumaniza o criminoso”, eles examinam do ponto de vista da ética analítica o lugar ocupado pelo sujeito em sua relação com o ato criminal, confrontando-o com as maneiras pelas quais o crime é considerado pela cultura. Iniciam por mostrar como, de hábito, remete-se o ato transgressor à atribuição de uma suposta essência criminosa do infrator, que acaba por dotá-lo de uma espécie de natureza, reconhecendo nele um instinto criminoso. Ao se deter na discussão de vários casos históricos que trazem a operação realizada pela substancialização do suposto criminoso, e

se referir também a exemplos brasileiros, o artigo mostra que a psicanálise, por considerar o sujeito como efeito material do significante, desvincula o crime dessa suposta realidade instintiva e põe em jogo o real psicanalítico que implica, ao contrário, um resto não imaginável e irreduzível a representações que substancializam e reificam o “ser” do sujeito criminoso.

Em “O recurso à droga nas psicoses: desencadeamento, modos de estabilização e suplências”, Viviane Tinoco Martins e Angélica Bastos se referem às formulações de Lacan acerca do gozo no que este se articula à dimensão ética da satisfação e à própria posição do sujeito. Acompanham num trajeto teórico-clínico o recurso às drogas, quando se trata da posição subjetiva que corresponde à psicose. Apontam dois modos de operação das drogas, um relativo à irrupção de um gozo ilimitado e outro, às tentativas de estabilização. Ao se deterem nas inúmeras vicissitudes em que incorrem esses modos, destacam e enfatizam o recurso à invenção que envolve a articulação significante de maneira muito peculiar, especialmente nos casos em que se conjuga a uma modalidade de suplência. Levantam-se outras invenções não incluídas entre as suplências, mas que cumprem a função de estabilização. A moderação do gozo, as compensações imaginárias, o delírio e a escrita são estudados como traduções do trabalho do sujeito cuja posição é a psicose.

Em sua análise dos sonhos traumáticos caracterizados por não obedecerem ao objetivo primário de realização de desejo, Gabriela Maldonado e Marta Cardoso mostram, em “A materialidade da ‘imagem’ nos sonhos traumáticos”, de que modo eles se oferecem como a réplica exata de uma experiência traumática cujas imagens têm caráter predominantemente visual e cinematográfico. Compreendem pela via da metapsicologia o complexo mecanismo que subjaz à literalidade com que se apresentam os sonhos traumáticos, uma vez que neles a excitação permanece cristalizada como impressão sensorial e, de certo forma, bloqueada no polo perceptivo-alcinatório, impedida de transformar-se em representação, em pensamento. Referindo-se ao elo indissolúvel entre o conceito de regressão e o mecanismo da figurabilidade, comprovam a potencialidade representativa do psiquismo e concluem que é recorrendo à figurabilidade que se torna possível barrar o poder devastador das “pulsões de morte” e fazer a pulsão não ligada encontrar a via de um trabalho que permita o ingresso na vida psíquica.

Por fim, Simone Perelson traz, em “A diferença sexual real em questão na contemporaneidade”, uma discussão sobre o estatuto real ou não da diferença sexual. Fundamentando-se na leitura de uma lógica binária na qual se inscreveria a psicanálise, identifica diferentes respostas de autores à questão

sobre a diferença sexual formulada nestes termos: em que medida sustentar o estatuto real da diferença sexual conduz ao apagamento de seu estatuto de realidade que nos espanta ou em que medida, ao contrário, é justamente em sua dimensão real que o caráter espantoso da diferença sexual se encontra? Debruça-se, então, sobre essas respostas, por meio do confronto das posições de dois autores em face do transexualismo, para reconhecer que é possível encontrarmos na experiência transexual uma via contemporânea de colocação em causa das concepções de diferença sexual real e de verdadeiro sexo inventadas na modernidade.

Anna Carolina Lo Bianco